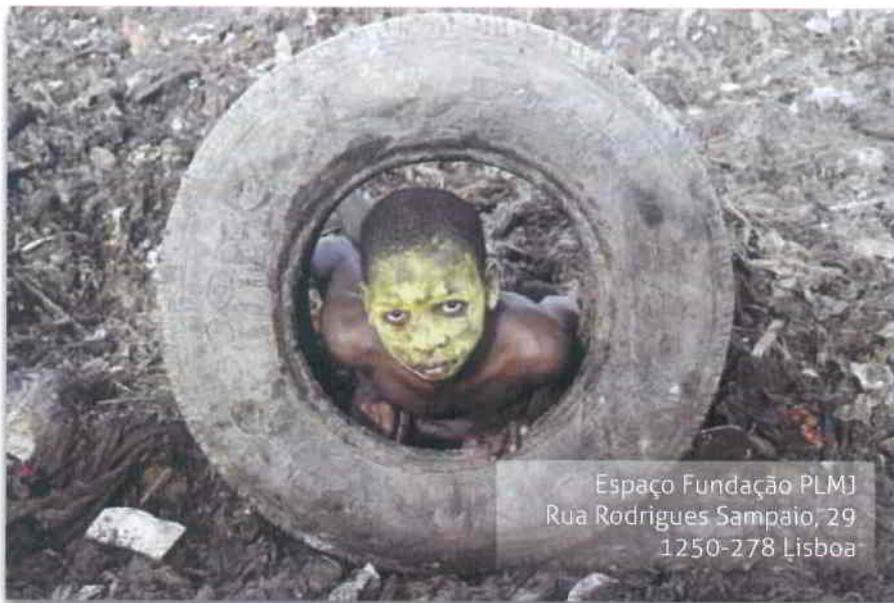


## Idioma Comum: Artistas da CPLP na Colecção da Fundação PLMJ



Espaço Fundação PLMJ  
Rua Rodrigues Sampaio, 29  
1250-278 Lisboa



A Fundação PLMJ inaugura a 13 de Janeiro a exposição “*Idioma Comum: Artistas da CPLP na Colecção da Fundação PLMJ*”. A exposição, primeira mostra do acervo de obras de artistas da CPLP pertencentes à Colecção da Fundação PLMJ, estará patente no espaço da Fundação, em Lisboa, até 26 de Março.

Comissariada por Miguel Amado, “*Idioma Comum: Artistas da CPLP na Colecção da Fundação PLMJ*”, reúne diversas obras de artistas da CPLP pertencentes à Colecção da Fundação PLMJ. Moçambique encon-

tra-se representado pelas obras de Jorge Dias, Mário Macilau, Mauro Pinto, Maudulane e Pinto. Para além destes, estarão ainda expostas obras de Abraão Vicente, Délio Jasse, Flávio Miranda, Ihosvanny, Julia Kater, Kiluanji Kia Henda, Lino Damiano, René Tavares e Yonamine.

As obras em exposição são representativas do acervo que a Fundação PLMJ tem vindo a desenvolver de obras de jovens artistas da CPLP, com particular enfoque em Moçambique e Angola. Como nos diz Miguel Amado, as obras expostas caracterizam-se por uma linguagem contemporá-

nea, marcada por uma visão do mundo de matriz cosmopolita, abordando tanto a realidade cultural local como a ordem social global num cenário pós-colonial, indo-se buscar o título da exposição a este idioma artístico comum aos jovens criadores nela representados.

De referir ainda o catálogo que acompanha a exposição, com reprodução das obras expostas e de outras adquiridas pela Fundação PLMJ.

Rita Neves  
Fundação PLMJ

galeria

## “As Áfricas de Pancho Guedes”, em Lisboa

A mostra tem por origem a colecção do arquitecto Pancho Guedes, cuja obra pessoal se viu em 2009 no Museu Colecção Berardo/CCB. Foi sendo reunida ao longo de uma vida passada em Maputo e Joanesburgo. Além de ser uma colecção vivida em África, que não foi adquirida em Antiquários, é um acervo aberto, plural e idiossincrático, questionador de todas as fronteiras disciplinares, segundo Alexandre Pomar. Aqui importa ver o que continuou a ser a arte africana numa África em rápida mu-

dança, tratando-se de arte dita tribal ou de arte popular, já feita para o bazar e para a rua, ou de pintura moderna de raízes locais e processos ocidentalizados.

A iniciativa é da Câmara de Lisboa, na sequência da descoberta de outras colecções africanas. Além de coleccionar, Pancho Guedes ocupou um lugar na primeira linha internacional dos patronos da nova arte africana, nos anos 60. Comprova-o em especial o malogrado Malangatana, cuja arte se encontra presente na mesma mostra.



o que há de novo